

O COMPORTAMENTO DO COMÉRCIO EXTERIOR DE ARMAS E PÓLVORA NO BRASIL – O CASO DO RIO GRANDE DO SUL

Mariza Bethanya Dalla Vecchia Korzeniewicz¹

Gustavo Inácio de Moraes²

Resumo:

No presente artigo analisa-se o comportamento do comércio exterior de armas e para o estado do Rio Grande do Sul, em termos de volume, índice de preços e índice de quantum. Nota-se que a indústria de armas é superavitária no comércio externo gaúcho, refletindo o posicionamento estratégico da indústria brasileira, com produtos com excelente custo-benefício no contexto do mercado internacional. Demonstra-se, assim, que o comportamento dos últimos anos pode ser incrementado desde que o setor receba incentivos e acordos favoráveis no plano internacional. Desse modo, é possível que a contribuição da indústria de armas e munições na balança comercial possa ser ampliada.

Palavras-Chave: Economia da Defesa, Comércio Exterior, Armas, Rio Grande do Sul.

Abstract:

In this paper we analyze the behavior of foreign trade of weapons and for the state of Rio Grande do Sul, in terms of volume, price index and quantum index. Note that the guns industry is surpluses in foreign trade, reflecting the strategic positioning of the whole Brazilian industry, with products with excellent cost-benefit result in the international market context. It is shown, so that the behavior of recent years can be increased since the industry receives incentives and improve agreements around world. Thus, it is possible that the contribution of the weapons and ammunition industry in the trade balance can be extended.

Key Words: Defense Economics, External trade, Guns, Rio Grande do Sul.

JEL Classification:F1, L64, R1

¹ Acadêmica do curso de Ciências Econômicas da PUCRS. Bolsista de Auxílio Técnico do projeto “Matriz de Impactos Setoriais e mercado de economia da defesa do Brasil”, financiado pelo Instituto Pandiá Calógenas. bethanyadvk@gmail.com

² Professor do PPGE – PUCRS. Doutor em Economia Aplicada. gustavo.moraes@puccrs.br

1. Introdução

A economia da defesa dentre seus vários aspectos de estudo privilegia a análise do comércio internacional de armas e suas implicações para as políticas de defesa de uma nação ou conjunto de nações.

Levine, Sen e Smith (2000) destacam a importância do estudo do comércio de armas pelas suas implicações em assuntos de relações exteriores, direitos humanos e com a importância econômica em termos de emprego, renda, geração de impostos e lucros. Evidentemente, o comércio de armas está sujeito aos objetivos estratégicos e de defesa de governos nacionais, justificando a particularidade de seu estudo.

Para o Brasil, a exportação de armas ocupa um lugar privilegiado dentro do mercado mundial. O país exportou US\$ 316 milhões, demonstrando não apenas a força da indústria nacional, bem como a receptividade do produto proposto, geralmente com uma grande compensação em termos de custo – benefício, comparados aos produtos ofertados por economias desenvolvidas. Os principais mercados de destino são concentrados na Ásia e África, além dos Estados Unidos, que absorve metade das exportações de armas de fogo brasileiras no ano de 2012 (SANTINI E VIANA, 2012).

Em especial, essa posição estratégica da indústria armamentista brasileira contraria a percepção de Dagnino (2008) para quem, concordando com Neumann (2006) o custo de desafiar a indústria dominante, ou seja a americana, é exorbitante e invalidando esforço no sentido de tentar desenvolver tecnologias rivais. Dessa maneira, esquece-se que há disponibilidade de todo um mercado de pequenas encomendas e de armas voltadas a uma situação de pequenas fricções capaz de ser explorados pelos países em desenvolvimento.

O planejamento anterior ao século XXI da indústria de defesa brasileira nunca se constituiu em bases permanentes. Embora o pensamento militar brasileiro tenha destacado a vulnerabilidade brasileira na produção de materiais básicos, disso

resultando o planejamento para a constituição das indústrias de base brasileiras³, a produção de equipamentos militares nacionais teve inconstâncias.

Uma primeira experiência foi a constituição da Indústria de Material Bélico do Brasil (IMBEL) em 1975 (Miyamoto, 2010). A criação deste núcleo industrial justificava-se pelo momento histórico, com a ditadura militar completando mais de uma década no Brasil, mas também pelas políticas de incentivo à indústria brasileira, no contexto dos Planos Nacionais de Desenvolvimento (I e II PND).

A importância da indústria brasileira de armas e material bélico remonta, portanto, ao contexto dos planos nacionais de desenvolvimento, ainda nos anos 70, quando o Brasil capacitou-se, sobretudo a partir de estratégias de transferência de tecnologia, licenciamento e coprodução com outros países. Para Freeman (2004) o colapso dessa estrutura inicia-se em 1988 devido à grande dependência do mercado mundial e de sua demanda. Freeman (2004) também nota que apesar do relativo sucesso tecnológico, os ganhos comerciais derivados podem ser considerados pouco expressivos.

A esse propósito, Moraes (2010) ressalta a retomada das exportações brasileiras de armas na primeira década do século XXI, após o auge no período entre 1974 e 1993, fruto da idealização do IMBEL e concentrada em equipamentos como carros de combate e mísseis, sendo que na atual fase, contudo, a concentração modifica-se para a venda de aeronaves.

Em contraste, Sheetz (2004) nota que para o caso argentino o determinante do ocaso da indústria de armas e material bélico, no mesmo período, foi, notadamente, a limitação fiscal na encomenda de armas. O autor argumenta que os custos cresceram de forma exponencial ao passo que as receitas, essencialmente derivadas de contratos públicos, cresceu de forma linear.

Em complementação à percepção argentina Schmidt e Assis (2013, p. 55) ressaltam a baixa aquisição nacional pelo Ministério da Defesa brasileiro, com apenas 6,2% de produtos típicos de defesa. Especialmente, a análise econométrica desenvolvida demonstra quais as características microeconômicas que determinariam o sucesso em vendas para o aparato de defesa brasileiro, tais como a presença do perfil exportador, de

³ Especialmente as indústrias siderúrgicas e de petróleo.

dedicação à pesquisa e desenvolvimento, assim como a renda média praticada na firma e a participação desta no total da renda do setor.

Para Pierre (2014) a emergência de potências regionais como Brasil, Israel, África do Sul e Irã tem como principal fonte o comércio de armas. Como citado pelo autor a posse de armas representa um grande impacto político e psicológico, além do comércio de armas promover a transferência de tecnologias, habilitando uma série de atores a desenvolverem aplicações em suas próprias indústrias.

Santini e Viana (2012) citam, também, a ausência de transparência na exportação de armas brasileiras, citando a ocorrência de registros de aquisições por movimentos rebeldes no Oriente Médio que se utiliza de armas nacionais. Nesse sentido, há na opinião dos autores necessidade de se avançar na transparência das informações dos fornecedores.

A esse respeito, a atuação de outros países no mercado internacional de armas é alvo de críticas, como no caso dos Estados Unidos. Para Blanton (2000) há incoerência na política diplomática americana ao construir um discurso baseado nos direitos humanos e na democracia e, em paralelo, estimular os contratos e as aplicações no comércio de armas a partir de fornecedores locais.

Uma vez que o contexto do comércio internacional de armas e munições é relevante para o Brasil, o presente artigo objetiva realizar uma análise da evolução do comércio exterior brasileiro no setor nos últimos anos para seus grandes números. Para cumprir com esse objetivo a próxima seção fará uma estatística descritiva dessa evolução. A terceira seção detalhará a análise em termos de índices de quantum e preço, destacando a evolução qualitativa desses agregados. Finalmente, uma última seção estabelece comentários finais.

2. Estatística Descritiva

Para a análise do setor de armas e munições brasileiro considera-se a classificação do MDIC – Ministério Do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, na seção 93, correspondente portanto a “armas e munições; suas partes e acessórios”. Especificamente, os dados referem-se a classificação SH 2 Dígitos.

Assim, a tabela 1 apresenta a evolução anual do comércio exterior brasileiro para a categoria. A tabela 2 apresenta a mesma evolução, apenas para o estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 1 – Evolução do Comércio Exterior Brasileiro – Armas e Munições, suas partes e acessórios - Em US\$

	Exportações	Importações	Saldo Comercial
1997	60,347,474	8,920,653	51,426,821
1998	57,497,089	11,300,326	46,196,763
1999	58,325,408	31,849,326	26,476,082
2000	69,707,942	77,320,014	-7,612,072
2001	62,537,853	19,581,084	42,956,769
2002	205,378,976	9,705,044	195,673,932
2003	94,611,860	5,586,247	89,025,613
2004	99,349,603	4,774,973	94,574,630
2005	109,641,834	5,106,198	104,535,636
2006	134,363,961	13,311,322	121,052,639
2007	201,209,369	9,426,462	191,782,907
2008	260,038,799	21,232,357	238,806,442
2009	337,887,337	27,582,238	310,305,099
2010	321,620,981	69,975,223	251,645,758
2011	292,968,707	34,478,659	258,490,048
2012	315,325,242	26,952,364	288,372,878
2013	355,885,664	41,387,774	314,497,890
2014	316,516,685	62,761,448	253,755,237

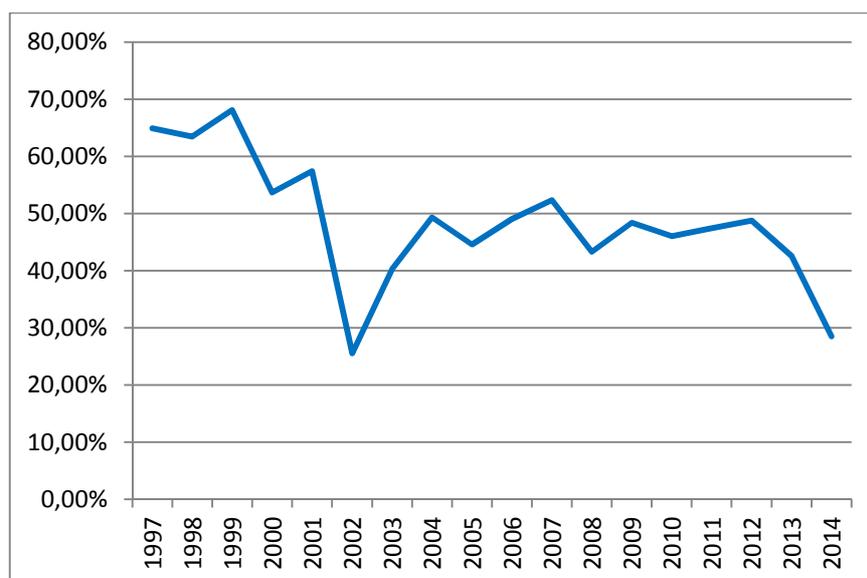
Fonte: AliceWeb, MDIC

Tabela 2 – Evolução do Comércio Exterior do Rio Grande do Sul – Armas e Munições, suas partes e acessórios - Em US\$

	Exportações	Importações	Saldo Comercial
1997	39,173,190	2,754,600	36,418,590
1998	36,487,597	2,529,318	33,958,279
1999	39,720,173	1,596,808	38,123,365
2000	37,432,553	1,786,097	35,646,456
2001	35,919,555	3,034,822	32,884,733
2002	52,488,135	3,200,342	49,287,793
2003	38,143,376	2,423,183	35,720,193
2004	49,006,004	1,655,159	47,350,845
2005	48,885,159	1,566,344	47,318,815
2006	65,892,223	1,376,717	64,605,506
2007	105,305,582	1,497,191	103,808,391
2008	112,640,117	6,093,604	106,546,513
2009	163,491,537	7,825,062	155,666,475
2010	148,162,635	9,446,217	138,716,418
2011	139,062,321	7,323,538	131,738,783
2012	153,882,846	6,304,410	147,578,436
2013	151,553,030	7,781,066	143,771,964
2014	90,265,136	9,999,254	80,295,882

Fonte: AliceWeb, MDIC

Figura 1 – Participação do RS no total de exportações de armas, munições e outras partes

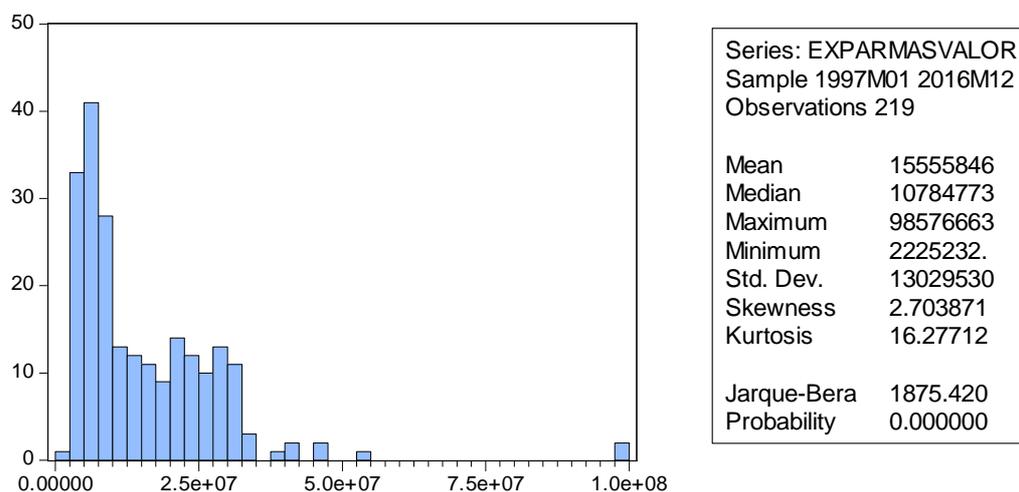


Fonte: Elaboração Própria a partir de AliceWeb

Numa perspectiva mensal, considerando-se os dados até março de 2015, as figuras 2, 3 e 4 apresentam estatísticas descritivas para o Brasil. Para as exportações o valor mediano mensal foi de US\$ 10, 784 milhões, ao passo que a média esteve em US\$ 15, 555 milhões. Para as importações o valor mediano foi de US\$ 1,016 milhões, enquanto a média esteve em US\$ 2,241 milhões. Finalmente, para a balança comercial o valor mediano foi de US\$ 9,746 milhões, ao passo que a média foi de US\$ 13,314 milhões.

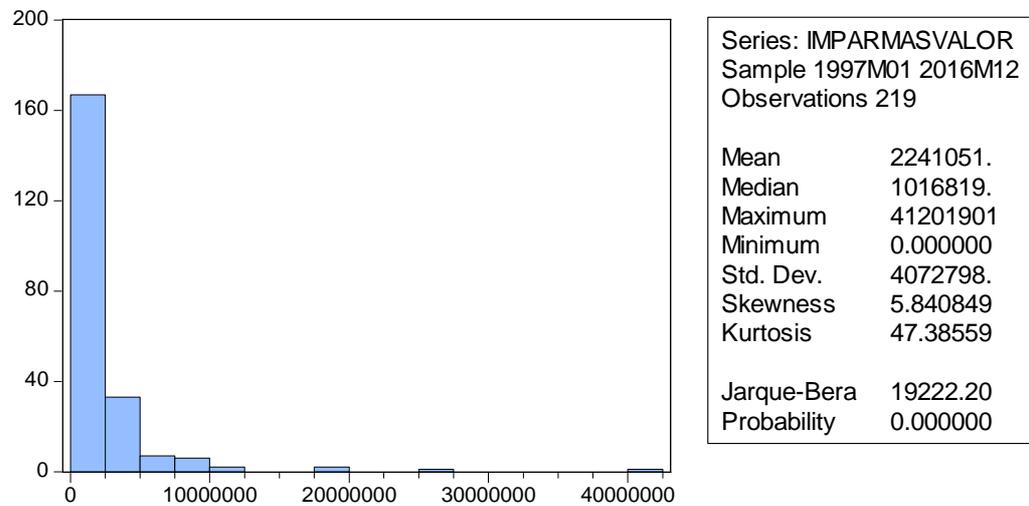
As figuras 5, 6 e 7 apresentam as mesmas estatísticas para o mesmo período, porém considerando apenas o Rio Grande do Sul.

**Figura 2 – Estatística Descritiva das Exportações Mensais –Brasil –
Seção 93**



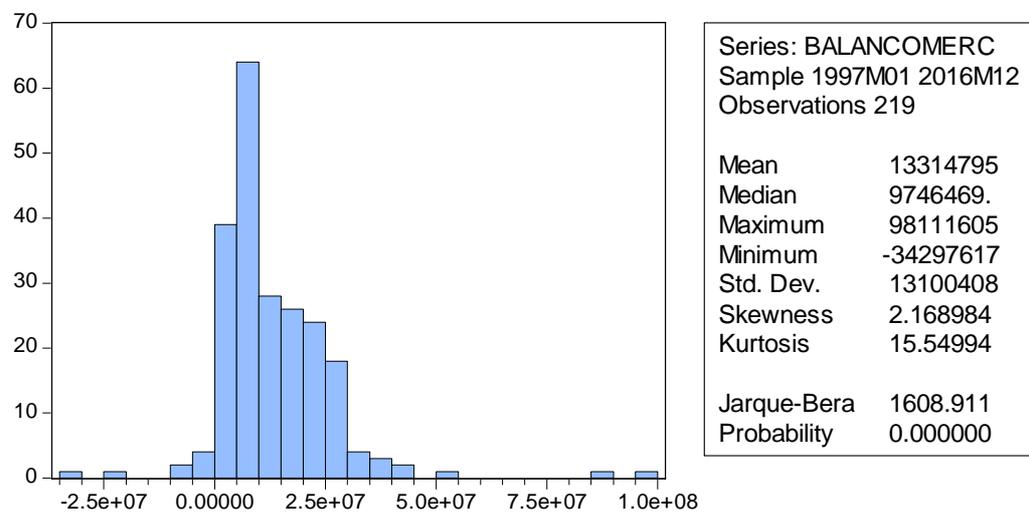
Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

**Figura 3 – Estatística Descritiva das Importações Mensais – Brasil –
Seção 93**



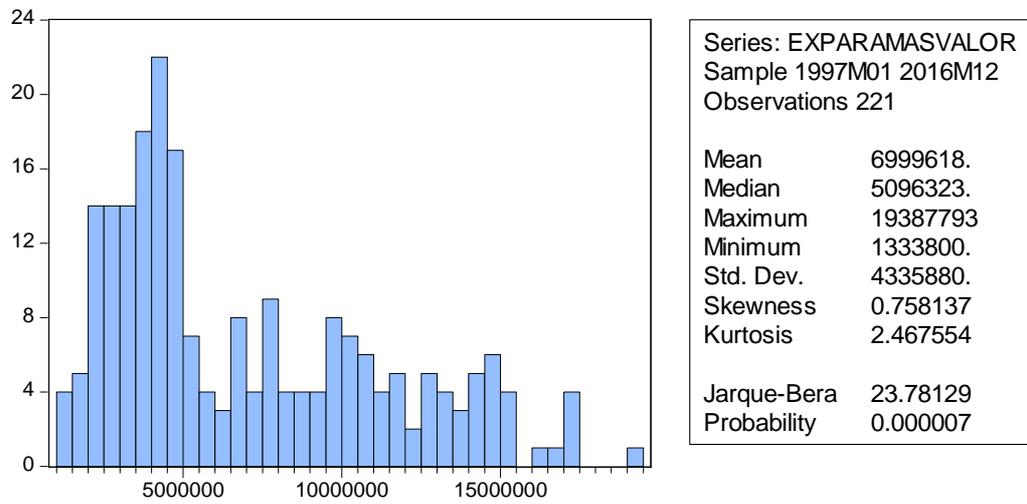
Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

**Figura 4 – Estatística Descritiva da Balança Comercial Mensal – Brasil -
Seção 93**



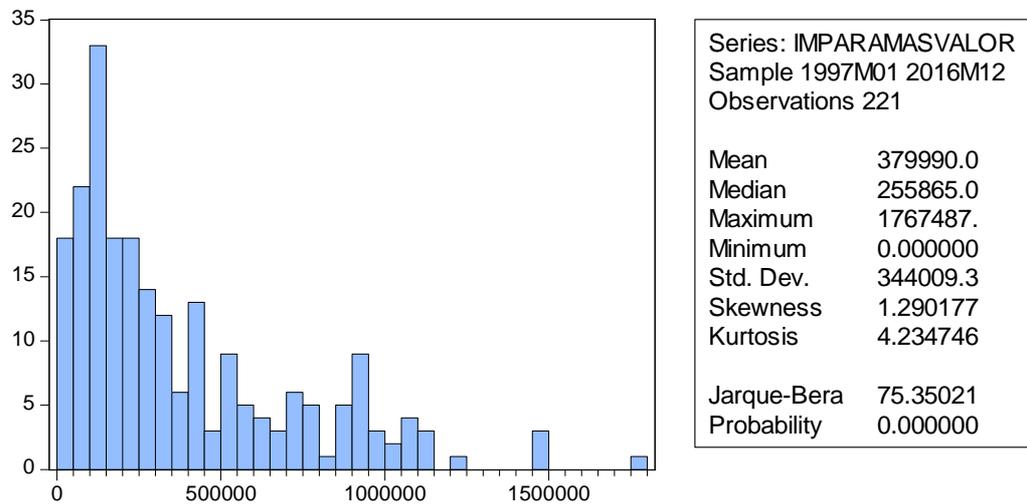
Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

**Figura 5 – Estatística Descritiva das Exportações Mensais –
Rio Grande do Sul – Seção 93**



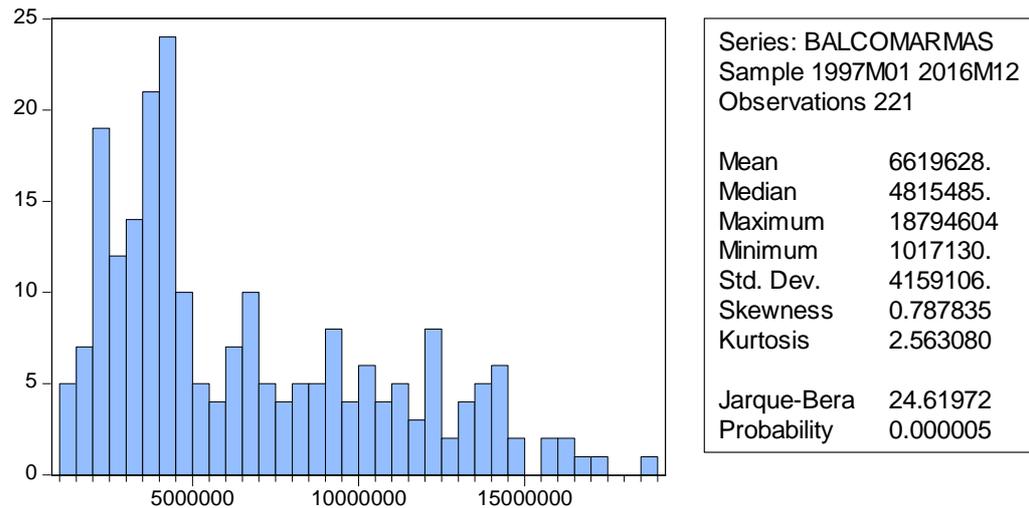
Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

**Figura 6 – Estatística Descritiva das Importações Mensais –
Rio Grande do Sul – Seção 93**



Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

**Figura 7 – Estatística Descritiva da Balança Comercial Mensal –
Rio Grande do Sul - Seção 93**



Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

3. Fatos estilizados

Quando se analisa os componentes das estatísticas percebe-se que a evolução das exportações de armas e munições, suas partes e acessórios é concentrada no efeito quantum, ou seja, na evolução das quantidades comercializadas, mais do que a evolução dos preços.

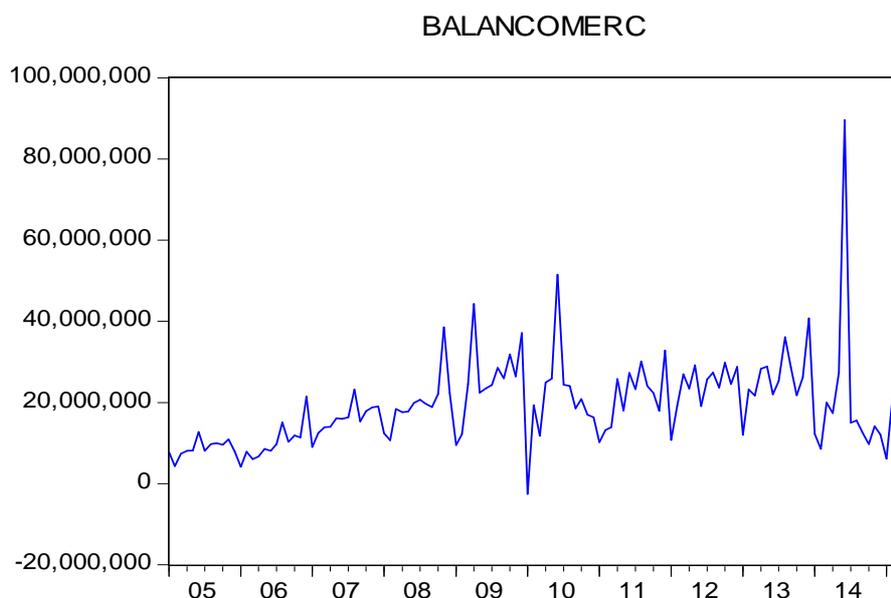
Demonstra-se, assim, que existe espaço para a qualificação dos produtos comercializados, especialmente aqueles destinados às exportações. Assim, os números do comércio exterior de armas e munições brasileiros indicam a necessidade e a possibilidade de qualificação dos produtos, acordos comerciais e clientes da carteira brasileira.

3.1 Comportamento das Exportações e Importações

A figura 8 apresenta a balança comercial da seção 93, em periodicidade mensal, desde 2005, evidenciando a tendência de manutenção da tendência desde meados de 2008, ou seja desde a concretização da crise suprime. Esta tendência de estagnação contrariou a evolução observada desde os anos noventa.

Assim, percebe-se que a crise do maior mercado importador das armas brasileiras, os Estados Unidos, foi decisiva para estagnar o comércio de armas do Rio Grande do Sul, ao menos desde 2009.

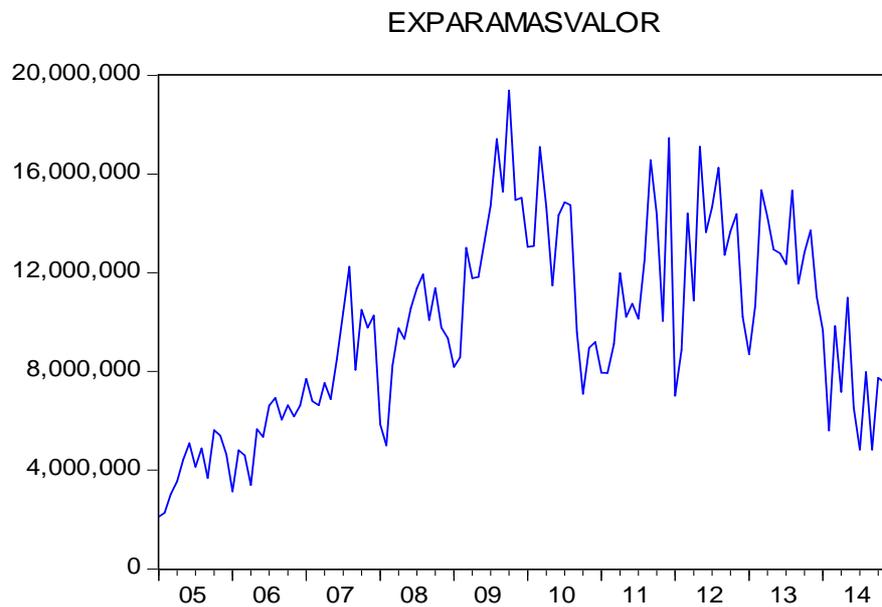
Figura 8 – Balança Comercial Rio Grande do Sul – Em US\$ - Armas, Munições, suas partes e acessórios



Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

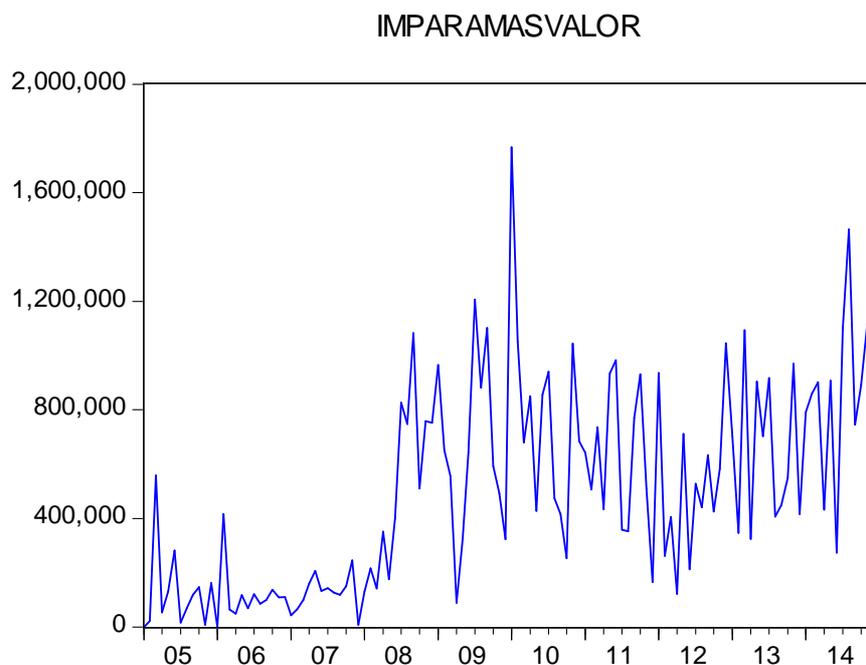
As figuras 9 e 10 revelam a tendência já notada na tabela 2, em números mensais. A análise permanece a mesma, ou seja, a crise subprime afetou a evolução das exportações brasileiras de armas e munições, suas partes e acessórios. Em compensação, as importações ainda são pequenas, logo o saldo comercial não foi afetado fundamentalmente.

Figura 9 – Exportações Rio Grande do Sul – Em US\$ - Armas, Munições, suas partes e acessórios



Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

Figura 10 – Importações Rio Grande do Sul – Em US\$ - Armas, Munições, suas partes e acessórios

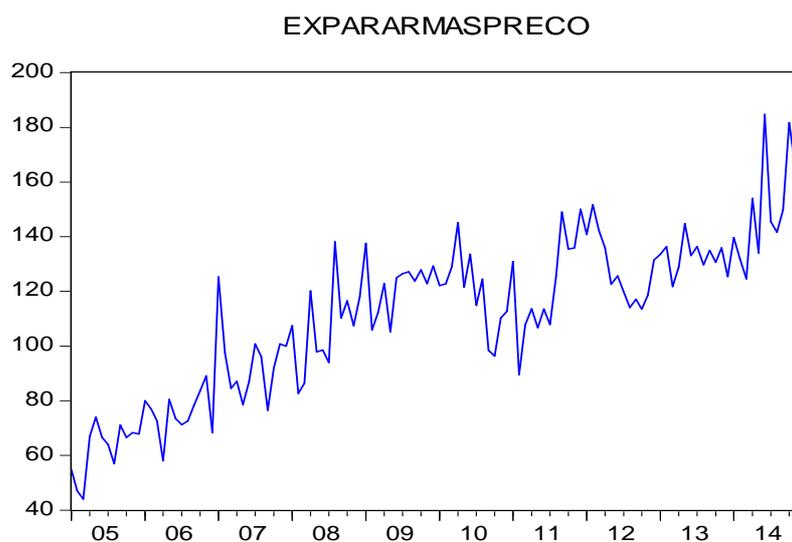


Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

a. Índices de Preços e Quantum das Exportações e Importações

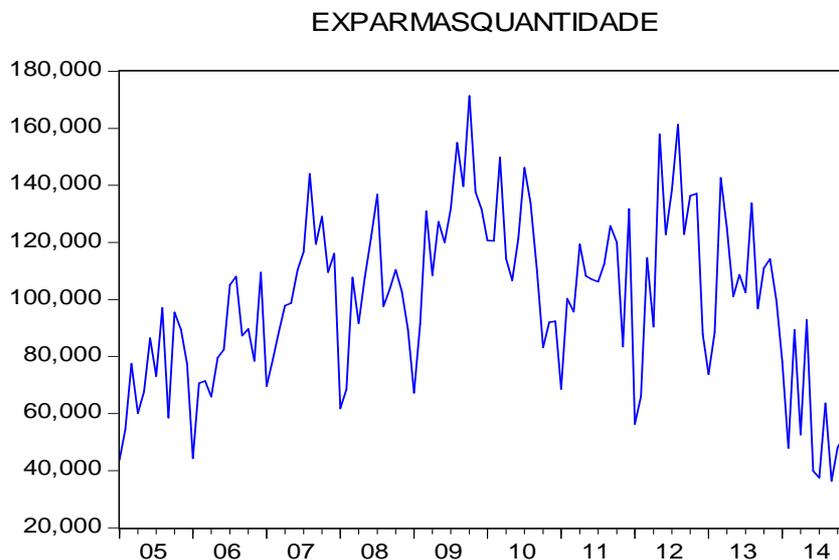
Os gráficos 11 e 12 revelam o gráfico 4 e 5 revelam o comportamento dos índices de preços e quantum das exportações brasileiras, seção 93. Pode-se notar, no caso do índice de preços, permanente elevação a partir de 2008-2009, não interrompida pela crise. Quanto ao índice de quantum, apresenta tendência declinante, reflexo da crise subprime, em que não apenas a crise nos mercados externos, mas também a perda de participação na pauta exportadora exercem importante efeito. Ou seja, vende-se menos a um preço maior na média.

Figura 11 – Índices de Preços Exportações Rio Grande do Sul - Armas, Munições, suas partes e acessórios – dez. 2007 = 100



Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

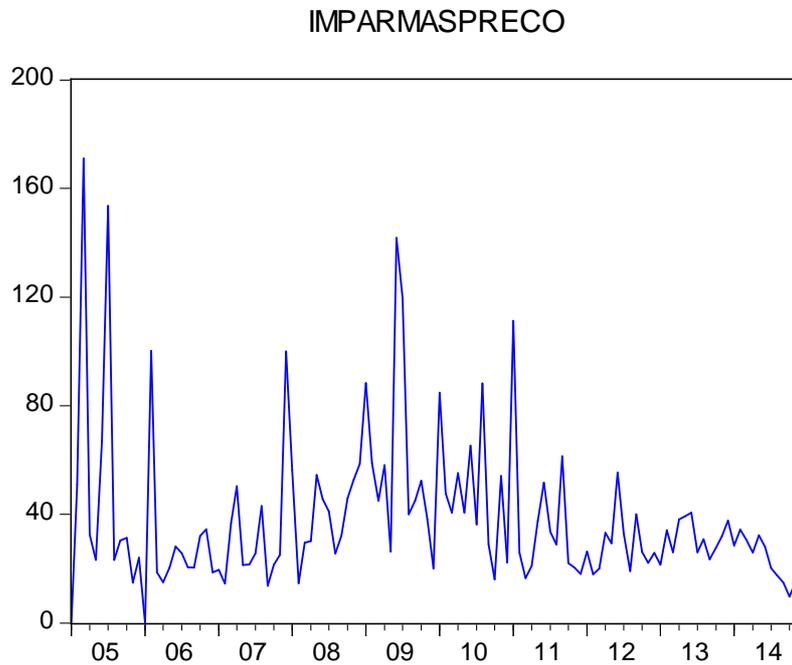
**Figura 12 – Índices de Quantum Exportações em Kg – Rio Grande do Sul -
Armas, Munições, suas partes e acessórios**



Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

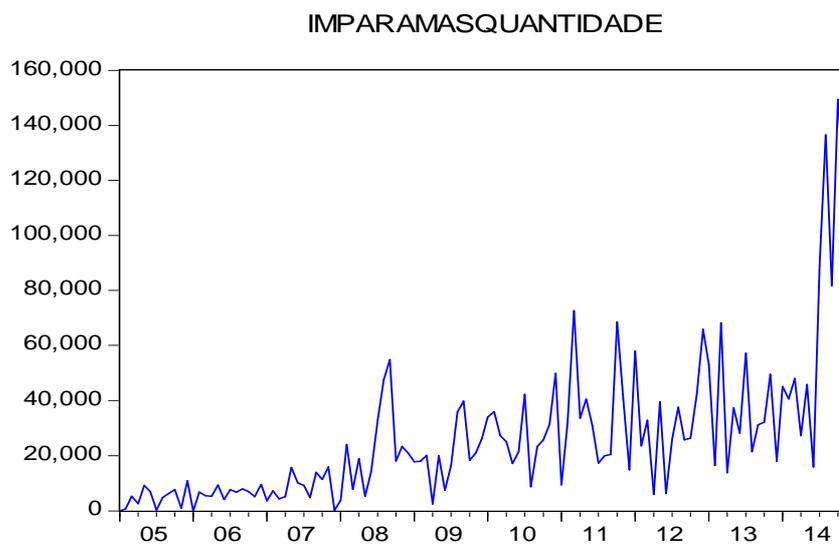
Para as figuras 13 e 14 apresentamos o comportamento dos índices de preços e quantum para as importações da seção 93. Apesar do baixo volume de importações, ainda assim é possível notar tendência oposta à verificada nas exportações, onde o índice de preços tem leve recuo e o índice de quantum evoluiu durante o período refletindo de maneira idêntica em importações com menor valor médio.

Figura 13 – Índices de Preço Importações Rio Grande do Sul - Armas, Munições, suas partes e acessórios



Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

Figura 14 – Índices de Quantum Importações Rio Grande do Sul - Armas, Munições, suas partes e acessórios



Fonte: Elaboração Própria com base em AliceWeb, MDIC.

4. Comentários Finais

Pelos dados levantados, nota-se o potencial de evolução da indústria de armas, munições, suas partes e acessórios na perspectiva dos anos recentes. A balança comercial francamente favorável do setor ressalta a importância estratégica do setor, que responde por cerca de 1% das exportações brasileiras, não apenas na geração de valor e receita, mas também pelo apelo geopolítico da indústria. É nossa hipótese que o fato do produto brasileiro ter um custo-benefício favorável, resultado do desenvolvimento da indústria em décadas passadas, favorece a inserção da indústria no mercado internacional.

Por outro lado, a exposição a um mercado específico, os Estados Unidos, recomenda a diversificação da pauta exportadora do setor, em número de parceiros e volume de exportação. Isso pode ser exemplificado pelo fato de que após a crise do sub prime nos Estados Unidos, a evolução das exportações do setor, observada em anos anteriores, estagna-se.

Ainda nesse particular, o efeito pode ser melhor notado pela involução dos índices de preços de exportações, que declinam desde então, apesar da evolução dos índices de quantum. Em outras palavras, tão somente as exportações mantêm o nível por força de um maior volume exportado a um preço menor das mercadorias e partes, em média.

REFERÊNCIAS

BLANTON, S. L. Promoting Human Rights and Democracy in the Developing World: U.S. Rhetoric versus U.S. Arms Exports. **American Journal of Political Science**, v. 44, n.1, p. 123-31, 2000.

BRAUER, J.; DUNNE, J. Paul; **Arms Trade and Economic Development**. Routledge Taylor & Francis, 2004.

DAGNINO, Renato. Em que a Economia da Defesa pode ajudar nas decisões sobre a revitalização da Indústria Brasileira? **Oikos (Rio de Janeiro)**, v.7, n.1, p. 113-137, 2008.

FREEMAN, Sam-Perlo. Offsets and the development of the Brazilian arms industry. In: BRAUER, J.; DUNNE, J. Paul; **Arms Trade and Economic Development**. Routledge Taylor & Francis, chap. 13, 2004.

LEVINE, Paul; SEN, Somnath; SMITH, Ron. Editorial Introduction Arms Exports, Controls and Production. **Defence and Peace Economics**, v. 11, n. 3, p. 443-444, 2000.

LEVINE, Paul; SEN, Somnath; **The arms trade, security and conflict**. Routledge Taylor & Francis, 2004.

MDIC (Sistema AliceWeb) – SISTEMA DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DE COMÉRCIO EXTERIOR VIA INTERNET DO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR] <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>

MIYAMOTO, Shiguenoli. **Política Externa, defesa e armamentos**. III Seminário Nacional de Ciência Política, UFRGS, 2010.

MORAES, Rodrigo F. **Ascensão e queda das exportações brasileiras de equipamentos brasileiros**. Boletim de Economia e Política Internacional, IPEA, n.3, p. 59-70, 2010.

NEUMAN, S. **Defense Industries and Global Dependency**. Orbis. summer, Elsevier. pp.429- 51, 2006.

PIERRE, Andrew J. **The Global Politics of Arms Sales**. Princenton Legacy Library, 2014.

SANTINI, Daniel; VIANA, Natalia. **Brazil Arms Exports: Country Preaches Peace, Sells Tons of Arms**. Agencia Pública de Reportagem e Jornalismo Investigativo. 5 de março de 2012. Disponível em: <http://apublica.org/2012/03/brazil-arms-exports-country-preaches-peace-sells-tons-arms/>

SCHEETZ, Thomas. The Argentine Defense Industry: an evaluation. In: BRAUER, J.; DUNNE, J. Paul; **Arms Trade and Economic Development**. Routledge Taylor & Francis, chap. 14, 2004.

SCHMIDT, Flávia H.; Assis, Lucas R.S. **A dinâmica recente do setor de defesa no Brasil: Análise das características e do envolvimento das firmas contratadas**. IPEA: Texto para Discussão, n. 1878, outubro de 2013.